

COMO CONVÉM NO SENHOR¹

Ana Maria e Sandro Gallazzi

A presença de mulheres, escravos, crianças, nas comunidades cristãs que surgiram no mundo grego, provocou e quase que obrigou o debate e a tomada de posição, sobre a dignidade destes grupos, que o mundo grego relegava a um plano subalterno. A proposta da Igreja/*Eclésia* – leiga, igualitária e ministerial – defendida por Paulo teve que ser debatida a fundo, confrontar-se e enfrentar a mentalidade do tempo.

Vamos acompanhar o desenrolar deste debate através das cartas de Paulo. Agrupamos as mesmas em três blocos a partir de sua possível antigüidade.

- a. As primeiras cartas paulinas: 1 e 2 Tessalonicenses, 1 e 2 Coríntios, Romanos, Gálatas, Filêmon e Filipenses.
- b. As segundas cartas paulinas²: Efésios, Colossenses.
- c. As cartas pós-paulinas: Tito e 1 e 2 Timóteo.

Trabalharemos, sobretudo, a questão da mulher, também porque, este continua sendo um dos pontos mais quentes do debate eclesial, sobretudo, dentro da Igreja Romana.

1. Algumas observações iniciais.

1. Transferir para dentro do debate paulino, problemas, ideologias, desafios que são próprios da nossa época e do nosso debate, não é um bom serviço nem para nós, nem para a Bíblia. Reafirmamos, mais uma vez, que nossas lutas não precisam ser “batizadas”: elas são legítimas em si mesmas e não precisam do amparo bíblico para ser justas e libertadoras. Por outro lado, devemos evitar a manipulação de textos bíblicos para justificar nossas decisões e nossas posições.

É bom reafirmar que os textos que vamos trabalhar refletem a realidade patriarcal e androcêntrica que a eles subjaz e, mesmo chegando, às vezes, a contestá-la, são produtos da cultura greco-judaica de dois mil anos atrás. Esta realidade não pode ser esquecida.

2. Também não podemos esquecer que Paulo viveu uma experiência muito peculiar. Trabalhar com textos de Paulo significa ter consciência que ele era

1. Uma primeira redação deste artigo foi publicada no Boletim do IPAR – Belém.

2. Para alguns estas cartas já seriam pós-paulinas. Não vamos entrar nessa questão.

um homem de cidade, de família rica, intelectual, educado no farisaísmo e, pelo que nos consta, nunca casou.

É este homem, com esta história e identidade, que vai escrever as cartas. Sua cabeça, seu corpo, sua visão do mundo, das pessoas e das relações, determinaram sua maneira de pensar e de escrever.

3. Um terceiro ponto deve ser posto em destaque. Nossa aproximação ao pensamento paulino se dá através de cartas e não através de livros. O gênero literário da carta influencia sua interpretação. Uma carta, necessariamente, tem a ver com destinatários, com situações pontuais, com problemáticas específicas e contingenciais. O pensamento do escritor deve ser filtrado pelas perguntas e situações que provocaram a carta. Trata-se, muitas vezes, de um pensamento circunstancial. Transformar o pensamento de uma carta numa afirmação universal nem sempre é possível, nem sempre é correto. Isto vale, sobretudo, para as primeiras cartas paulinas. As cartas pós-paulinas, com efeito, se aproximam um pouco mais do gênero livros, com características mais elaboradas e com pretensões mais universalizantes.

Vamos assumir conscientemente estas “limitações” ao trabalhar os textos paulinos, para podermos colher sua grandeza e sua contribuição.

2. As primeiras cartas paulinas

Estas cartas deixam transparecer a presença atuante das mulheres nas comunidades. Júnia é chamada de “apóstolo”; Febe é “*diaconisa*”; as quatro filhas moças de Filipe são “*profetisas*”. Estes títulos, que geralmente são aplicados a homens³, mostram que nas comunidades paulinas não havia diferença de funções: mulheres e homens ocupavam o mesmo espaço.

Mais interessante ainda é o que se diz a respeito da “*obra do Senhor*” que é o maior objetivo da atividade de Paulo: Priscila, junto com o esposo Áquila, realiza a obra do Senhor e ensina o “caminho” a Apolo. Os dois serão chamados por Paulo de “*meus colaboradores – cooperantes – em Cristo Jesus*” (Rm 16,3-4). Arriscaram sua vida para salvar a de Paulo e, agora, todas as igrejas lhes devem gratidão. Maria, Trifena, Pérside, Evódia e Síntique, diz Paulo, “*muito se fadigaram pelo Senhor*”, “*seus nomes estão no livro da vida*”. As mulheres são louvadas pelo “*serviço da palavra*”. Trata-se do ministério diretamente apostólico, trata-se do serviço prioritário de Paulo. As mulheres são chamadas “*companheiras de serviço*”.

A comunidade é espaço aberto a mulheres e homens. “*Não há judeu nem grego, não há escravo nem livre, não há nem homem nem mulher, pois todos vocês são um em Cristo Jesus*” (Gl 3,28-29).

O pensamento de Paulo abrange, inclui, universaliza.

3. No mundo grego, porém, a profecia era comum, também, entre mulheres. E, também, vale destacar que não aparecem mulheres com funções explícitas de “governo”.

A polêmica Carta aos Coríntios trabalha, também, a relação homem-mulher dentro da casa. Interpretações, muitas vezes primárias e superficiais, quiseram demonstrar que Paulo não conseguiu levar para dentro da casa a relação igualitária que propunha para a Eclésia. Não são poucos os que, por causa destas páginas, acusam Paulo de ser “machista”. Seria de estranhar se ele não o fosse!

É evidente que o “pensamento universal” de Paulo foi desafiado pela realidade sempre ambígua das comunidades e nem sempre foi acompanhado por um “agir concreto” coerente. Sobretudo quando ele sai da *Eclésia* e entra na quotidianidade da casa, o pensamento de Paulo parece perder sua linearidade e se torna inseguro e, às vezes, contraditório.

No ambiente concreto do quotidiano interferem com mais força os limites da pessoa Paulo, sobretudo quando confrontados com uma realidade provocante como a de Corinto que era caldeirão onde se misturavam, até indiscriminadamente demais, culturas e cultos.

“É bom ao homem não tocar em mulher (...) quisera que todos os homens fossem como eu (...) é melhor casar-se do que arder em concupiscência (...) O tempo está ficando curto: aqueles que têm esposa sejam como se não a tivessem (...)” (1Cor 7,1.7.9.29).

O que influenciou esta atitude? Os costumes devassos de Corinto? A experiência de vida de Paulo? A perspectiva curta da história típica da visão apocalíptica que Paulo tinha? Talvez tudo isso junto. Os limites de uma carta são os do aqui e agora.

De qualquer forma vale lembrar que estas “sugestões” têm a ver com a pureza legal, mais próxima da mentalidade judaíta e não põe em discussão a dignidade da mulher. Quando trata das relações entre marido e mulher estas devem ser paritárias:

“O homem pague sua dívida para a mulher e, da mesma forma, a mulher para o homem. A mulher não tem poder sobre seu corpo mas o homem, e, da mesma forma, o homem não tem poder sobre seu corpo e sim a mulher” (1Cor 7,3-4).

Duas vezes se repete o advérbio *omoios*/igualmente que qualifica a relação entre homem e mulher. Negar-se um à outra – e vice-versa – é “fraudar”, é falsificar a relação.

Neste sentido, Paulo garante à mulher outros direitos que não lhe eram reconhecidos completamente nas culturas grego-judáica:

- a abstenção sexual deve ser decidida de comum acordo (7,5);
- o marido não pode repudiar a esposa (7,10-11);
- a mulher pode separar-se do marido contanto que não case de novo (7,11);
- a viúva pode casar de novo, com quem ela quiser (7,39).

O contexto polêmico destas afirmações (e da 1ª carta aos Coríntios em geral) ajuda a ver com mais clareza a novidade proposta nas relações mulher-homem. O alcance destas propostas paulinas fica ainda mais evidente se confrontado com a realidade cultural

em que ele vivia e que, necessariamente, o influenciava. Alcance que ultrapassa até nossa realidade atual, ou será que todas nossas mulheres podem afirmar de serem tratadas, em seus corpos, seus desejos e dignidade, como Paulo afirma que deveriam ser?!

Nossos códigos culturais, legais e religiosos, por mais renovados, ainda ficam devendo, me parece, à reciprocidade proposta por Paulo.

Para as comunidades paulinas – como para quase todos da época – era “normal” e por isso indiscutível que os pais decidissem do futuro de suas filhas moças (1Cor 7,36-38). Assim como era “normal” que a comunidade considerasse o homem “cabeça” da mulher (1Cor 11,3).

3. A propósito do véu na cabeça

Mesmo que ninguém nos tenha feito advogados de Paulo, nos parece importante fazer uma leitura crítica, sobretudo do texto de 1Cor 11,1-16⁴.

Ao tomarmos como pensamento paulino todo este conjunto deveríamos chegar à conclusão que Paulo tem um raciocínio algo esquizofrênico. Como conciliar, com efeito o que se diz em 11,8-9 com o que é dito em 11,12.

Não vem o homem da mulher, mas a mulher do homem e, depois, o homem não foi criado para a mulher; mas a mulher para o homem (11,8-9).

Assim como a mulher vem do homem, assim também o homem vem da mulher e todas as coisas vêm de Deus (11,12).

A mesma contradição a encontramos entre 11,7 e 11,11.

O homem pois não deve cobrir a cabeça, por ser imagem e glória de Deus; a mulher é glória do homem (11,7).

Não há mulher sem homem, não há homem sem mulher no Senhor (11,11).

E como explicar a discordância entre 11,5-6 e 11,15?

Toda mulher que ora ou profetiza com a cabeça descoberta, envergonha a cabeça dela, é como se a tivesse rapada. Se então a mulher não estiver coberta que se rape. E se é vergonhoso para uma mulher cortar cabelo ou rapar-se, que se cubra (11,5-6).

Se a mulher tem cabeleira, é para ela uma glória, porque a cabeleira lhe foi dada em lugar do véu (11,15).

Propomos uma re-leitura do texto a partir do método rabínico da diatribe ao qual Paulo estava acostumado. Nem tudo o que é dito no texto é pensamento de Paulo, ele

4. A este respeito, vale a pena ler o texto de Irene Foulkes “Conflito em Corinto: as mulheres numa igreja primitiva”.

está debatendo, questionando o pensamento da comunidade, abrindo espaços para o novo que vem da experiência do Senhor.

É possível fazer este tipo de leitura, também, porque Paulo já nos disse explicitamente que está respondendo a uma carta recebida da comunidade (7,1 e 12,1). Além dessa comunicação escrita, Paulo lembra que recebeu outras notícias de forma oral (1,10; 5,1; 11,17). Paulo inicia louvando a comunidade por conservar as tradições que ele transmitiu e a exorta a continuar imitando-o (1,1-2). A esta afirmação de Paulo corresponde uma crítica, um questionamento por parte da comunidade que não se conforma em ver mulheres orando e profetizando sem respeitar o costume oficial de cobrir a cabeça.

Os argumentos que a comunidade usa são de ordem antropológica (a mulher vem do homem e foi feita para ele), de ordem teológica (Deus é cabeça de Cristo, Cristo é cabeça do homem, o homem é cabeça da mulher) e de ordem sócio-política (a mulher é glória do homem ... deve ter o poder sobre sua cabeça). Contradizer a este costume é uma vergonha.

Todas estas afirmações estão contidas nos v. 3-10. O raciocínio conclui que “por isso a mulher deve ter um poder sobre a cabeça por causa dos anjos”.

Até aqui Paulo expressou o pensamento “comum” de uma comunidade grega. Nada de novo, nada de alternativo!

A partir deste momento, porém, Paulo começa sua argumentação. O versículo 11 inicia com um claro “pelo contrário...”, “a não ser que...”, “excepto quando...”⁵

O critério de discernimento, para Paulo, não é o costume corriqueiro da comunidade mas o “Senhor”.

Pelo contrário, no Senhor, não há homem sem mulher nem mulher sem homem (11,11).

E revira os argumentos anteriormente usados pela comunidade.

Assim como a mulher vem do homem, também o homem vem da mulher e todas as coisas vêm de Deus (11,12).

É com este novo critério de discernimento que a comunidade deve julgar se é conveniente que uma mulher ore a Deus com a cabeça descoberta (11,13).

Usando de ironia, vai começar de novo pela vergonha do homem: *A natureza mesma nos ensina que se o homem tem cabeleira, é uma vergonha para ele (11,14).*

E conclui que não é necessário obrigar a mulher a cobrir a cabeça uma vez que: *A cabeleira é glória para a mulher e lhe foi dada em lugar do véu (11,15).*

A comunidade pode continuar discordando mas nem Paulo nem as eclesias de Deus têm o costume de obrigar a mulher a cobrir a cabeça (11,16).

5. A preposição grega “*plen*” é opositiva

4. A propósito da mulher calada na Eclésia

Outro texto restritivo à participação da mulher nas celebrações comunitárias encontramos no que diz respeito ao falar em línguas.

“Como em todas as eclesias dos santos, as mulheres estejam caladas nas eclesias, porque não lhes é permitido falar; mas estejam sujeitas, como também ordena a lei. E, se querem aprender alguma coisa, interroguem em casa a seus próprios maridos; porque é vergonhoso que as mulheres falem na eclésia” (1Cor 14,33-35).

Como entender esta proibição?

4.1. O contexto literário

Paulo, desde 14,27, está falando de como organizar, na eclesia, o dom das línguas, tudo indica que a proibição de falar na eclesia deve ser entendida como proibição de falar em línguas; não podemos e não devemos estender esta proibição às outras maneiras de falar. Na mesma carta, como vimos, se fala da mulher que ora e que profetiza (1Cor 11,5).

4.2. O contexto cultural

Primeiro um entendimento: falar em línguas, neste texto, não é o mesmo fenómeno que aconteceu no dia de Pentecostes onde todos entendem perfeitamente o que vem sendo dito (At 2,7-11).

Na comunidade de Corinto, o fenómeno é o contrário: alguém fala e ninguém entende nada (1Cor 14,2), só mesmo Deus. Paulo é enfático a este respeito e faz bastantes restrições à manifestação deste carisma.

Devemos então, situar-nos no contexto das *religiões místicas* que, naquela época, estavam se difundindo em toda a área do Mediterrâneo. Estas religiões tinham muito em comum com alguns elementos característicos do Cristianismo, como por exemplo: a morte / ressurreição do deus, a comunhão com o deus ressurrecto através da comida (1Cor 10,14-22), a incorporação à divindade (Rm 6,1-5; Cl 2,12) e o próprio uso da palavra “mistério” muito presente nos textos paulinos.

Uma característica desta religiosidade popular da época era a revelação dos mistérios aos iniciados e que era escondida aos demais. O fenómeno das línguas incompreensíveis era comum neste tipo de cultos místicos. Pode ter advindo daí o costume presente na comunidade de Corinto e que não aparece em nenhuma outra carta.

4.3. O contexto eclesial

Não há dúvida que este texto deixa transparecer a participação ativa e o protagonismo litúrgico das mulheres em todas as manifestações da palavra e testemunha o desejo público que as mulheres tinham de aprender e de conhecer. Esta participação está

provocando reações. Nem todos estão de acordo com estas manifestações e pretendem reservar para as mulheres o espaço da casa onde, humildemente submissas a seus maridos, poderão pedir-lhes as explicações.

Isto é claro. A pergunta que fazemos é se esta posição pode ser atribuída também a Paulo.

Mais uma vez colocamos em dúvida esta conclusão e o fazemos a partir do versículo 36 que não podemos desvincular dos anteriores, pois a eles é ligado por uma conjunção adversativa “ou”:

Porventura, a palavra de Deus saiu de vós? Porventura veio ela somente para vós (14,36)?

Parece-nos possível seguir o mesmo raciocínio que fizemos anteriormente. A uma reação clássica da comunidade machista de Corinto que pretende silenciar mulheres, seguindo os costumes da antiga lei judaica e das assembléias gregas, Paulo responde questionando-lhe o controle do exercício da palavra.

Somente para vós?

Quem são estes “vós”? Difícil é definir com segurança. Acreditamos que eles sejam as autoridades que têm o poder de silenciar alguém. É difícil crer que estes sejam os que defendem a liberdade das mulheres falarem na assembléia.

Daí a exortação final:

Portanto, meus irmãos, procurai com zelo o dom de profetizar e não proibais o falar em outras línguas. Tudo, porém, seja feito com decoro e ordem (14,39-40).

A participação ativa e o protagonismo nas igrejas não são, nem devem ser uma questão de classe ou de gênero. Ninguém deve ser silenciado, nem mesmo as mulheres.

Se alguém ignorar isso, será ignorado (14,38)!

Pois não conhece nada da nova liberdade dos filhos e filhas de Deus. Não deverá exercer funções de governo na igreja. Seja ignorado. Tudo não passa de uma questão de ordem e de decoro. E, neste sentido, as normas valem para homens e mulheres. Sem distinção. Não foi assim! Nossas igrejas e comunidades, ainda ficam devendo muito à proposta de Paulo. Vale lembrar o que diz Irene Foulkes:

O conflito sobre a livre participação das mulheres no culto cristão se iniciara, e se tornará mais agudo nas décadas seguintes, com resultados cada vez mais limitadores para as mulheres.

5. As segundas cartas paulinas

Não há dúvida que a realidade cultural – apesar dos avanços paulinos – teve um peso significativo sobre a maioria e influenciou a vida da comunidade. As segundas cartas paulinas, com efeito, já não lembram nenhuma mulher nos serviços da comunidade e, dentro de casa, aparentemente, as relações entre mulher e homem têm de ser de

subordinação, assim como as relações entre filhos e pais, escravos e amos têm que ser de obediência.

Aparentemente, dizemos, porque esta continua sendo a interpretação mais fácil de textos como os de Ef 5,21–6,7 e Cl 3,18–4,1. Poderíamos, porém, aqui também, continuar usando a nossa chave interpretativa da diatribe, a partir de uma constante que se repete sempre. Como aconteceu em 1 Cor 11,11, ao falar de mulher e homem, de filhos e pais, de escravos e amos, Paulo, sempre, põe no meio, como critério da relação, a memória do “Senhor”:

“As mulheres estejam subordinadas aos seus homens como ao Senhor” (Ef 5,22).

“Vocês mulheres, sejam subordinadas aos homens como convém ao Senhor” (Cl 3,18).

“Filhos obedecem aos seus pais, no Senhor” (Ef 6,1).

“Filhos obedecem a seus pais em tudo, isso é agradável no Senhor” (Cl 3,20).

“Escravos obedeci (...) a vossos senhores, como a Cristo” (Ef 6,5).

“Servos obedeci em tudo aos senhores desta vida (...) no temor do Senhor” (Cl 3,22).

Uma leitura superficial pode nos levar a considerar que a memória do Senhor seja o grande instrumento legitimador da subordinação e da obediência: é assim que o Senhor quer!

Nossas igrejas costumaram – e ainda costumam – ler assim estes textos.

Não nos parece correto usar textos avulsos de Paulo para justificar ou legitimar qualquer forma de dominação que em nada contribui para superar o machismo e o patriarcalismo presente em nossas comunidades e em nossas casas.

Queremos voltar à suspeita que a memória do Senhor, longe de ser um elemento legitimador possa ser um elemento crítico de discernimento. Justamente porque entre mulher e homem, filho e pai, escravo e amo está presente o Senhor, as relações se subvertem. A memória do “único Senhor”, centro de toda mensagem paulina, já serviu para questionar lei, circuncisão, pecado e para acabar com qualquer divisão e separação.

A própria carta aos Colossenses proclama:

“Aí não há mais grego e judeu, circunciso e incircunciso, bárbaro, cita, escravo, livre, mas Cristo é tudo em todos. Portanto ...” (Cl 3,11-12).

Todas as recomendações que se seguem, surgem desta afirmação, são consequências desta fé.

Neste sentido podemos concluir que a fé no Senhor põe em discussão radicalmente as “normais” relações vividas na comunidade e as subverte. Não é nenhuma novidade se a comunidade toda afirma que a mulher deve ser subordinada e que o filho e o escravo devem ser obedientes.

A mesma comunidade, porém, acredita em Cristo Jesus Nosso Senhor. A partir desta fé no Senhor, então, estas relações devem ser reconstruídas. Se cremos no Senhor então temos que saber que:

“Homens amem suas mulheres como Cristo amou a igreja e se entregou por ela” (Ef 5,25).

“Homens amem suas mulheres e não sejam amargos para elas” (Cl 3,19).

“Pais não dêem a seus filhos motivo de revolta contra vocês” (Ef 6,4).

“Pais não irritem os seus filhos” (Cl 3,21).

“Senhores façam o mesmo para seus escravos e não os ameacem” (Ef 6,9).

“Senhores dêem a seus servos o que é justo e equo, sabendo que vós tendes um Senhor no céu” (Cl 4,1).

A novidade evangélica não está em repetir o que era crença comum a quase todos os grupos sociais. Não havia – e ainda não há – nenhuma novidade em pedir subordinação e obediência a mulheres, filhos e escravos. Para isso não é preciso crer no Senhor. Bastava seguir a lógica greco-judaica, a lógica de Aristóteles ou de Esdras.

A novidade evangélica está, sim, nas propostas dirigidas aos homens, aos pais e aos senhores.

Eles têm que deixar de se relacionar como “senhores” das mulheres, dos filhos e dos escravos. Só Cristo é Senhor, ninguém mais. Então a relação não pode ser de senhorio, de dominação, mas de fraternidade, de igualdade, de justiça:

“amem... não irritem... dêem o que é justo...”

Esta é a proposta que continua sendo subversiva e revolucionária, fruto da autêntica fé no Senhor, no tempo de Paulo e no nosso, nas comunidades paulinas e nas nossas.

De novo, Paulo nos ultrapassa.

Pouco tempo depois, os evangelhos sinóticos, ao continuar garantindo o espaço das mulheres nas comunidades e declarando sua dignidade, colocarão, sempre, as mulheres como figuras centrais de suas narrativas, protagonistas de gestos de fé e de amor tão profundos que serão apresentados como referencial para as comunidades dos crentes. Bem mais do que os próprios apóstolos, muitas vezes censurados por sua fé escassa e fraca.

Testemunhas da morte e da ressurreição de Jesus, elas *“o seguiram, o serviram e subiram com ele a Jerusalém”*. Assim Marcos falará das mulheres, numa síntese esplêndida da atitude de discípulos e discípulas (Mc 15,1).

6. As cartas pós-paulinas

Os fortes esquemas políticos e culturais, porém, tiveram a supremacia na vida das comunidades.

As cartas pastorais – Timóteo e Tito –, quase com certeza pós-paulinas, do fim do 1º século, já nos mostram um projeto de Eclésia, completamente diferente.

A organização administrativa é claramente hierárquica e não igualitária: bispos, presbíteros e diáconos já são tarefas constituídas dentro da comunidade e sua função principal é a do “governo”.

Sua primeira preocupação é a “defesa da sã doutrina”, contra abusos e eventuais heresias que podiam estar surgindo. É o modelo que, completado pelas cartas de Santo Inácio de Antioquia, será vivenciado por nossas igrejas, sobretudo, as igrejas romana, grega e anglicana.

O espaço das mulheres, neste modelo de Eclésia, fica fechado.

“Durante a instrução a mulher conserve o silêncio, com toda subordinação. Eu não permito que a mulher ensine ou domine o homem. Que ela conserve pois o silêncio” (1Tm 2,11-12).

Já não se trata de um caso polêmico como o de falar em línguas ou da profecia, como em Corinto. Aqui o silêncio se dá durante a instrução, a normal atividade da comunidade, antes sempre aberta às mulheres. E, ainda mais, o silêncio é imediatamente associado à subordinação. Na comunidade ela deve ficar subordinada. Vale ressaltar o binômio – que será típico de uma certa compreensão de magistério – ensinar = dominar. Este serviço será exclusivo dos homens.

Também, não se trata somente de uma norma de decoro ou de ordem. Tem uma razão aparentemente teológica, a mais velha, a que sempre foi usada e ainda é:

“Porque primeiro foi formado Adão, depois Eva. E não foi Adão que foi seduzido, mas a mulher, seduzida, caiu em transgressão. Entretanto será salva pela maternidade, desde que com modéstia, permaneça na fé, no amor e na santidade” (1Tm 2,13-15).

A dignidade da mulher é, assim, reduzida à função biológica da maternidade. Pelo resto ela não vale mais nada. Não para a comunidade. De uma só tacada, as mulheres são enterradas debaixo da culpa pela transgressão e condicionadas à maternidade, se quiserem se salvar! Séculos de histórias de mulheres protagonistas, enterrados debaixo de palavras que massacram como pedras de uma lapidação: silêncio, submissão, culpa, transgressão. E até hoje estamos ferindo nossas mãos e vidas, para sairmos disso!

A modéstia é sua primeira virtude e vem antes do que a própria fé. *“Roupas decentes, enfeitadas com pudor e modéstia, sem tranças, nem jóias” (1Tm 2,9).* Esta é a primeira instrução para as mulheres destas comunidades.

Estas cartas mostram sempre uma desconfiança com qualquer tipo de mulher. Cuidado com as viúvas, que podem ser viúvas alegres ... cuidado com aquelas que têm parentes para sustentá-las ... cuidado com aquelas que buscam o prazer... só inscreve no rol das viúvas as com mais de 60 anos... e que *“tenham lavado os pés aos santos” (1Tm 5,3-10).*

O texto não consegue esconder o desprezo para com “*estas (gynaikaria) mulherzinhas carregadas de pecado, possuídas de toda sorte de desejos, sempre aprendendo, mas sem jamais poder atingir o conhecimento da verdade*” (2Tm 3,6).

Mulher burra, que quer aprender mas não vai alcançar o conhecimento. E não se trata de outro assunto que não o da doutrina. Como vai poder ensinar se ela não vai conseguir conhecer?

“As mulheres idosas não sejam caluniadoras, nem bebam demais. Sejam capazes de dar bons conselhos às recém-casadas para que estas aprendam a amar os seus maridos e filhos, a ser ajuizadas, fiéis e submissas a seus esposos, boas donas de casa, amáveis, a fim de que a palavra de Deus não seja difamada” (Tt 2,3-5).

Nenhum recado para os homens, nenhum para os senhores, só para os escravos, exortados a obedecer “*para que o nome de Deus e a doutrina não sejam blasfemados*” (1Tm 6,1-2). Interessante esta preocupação para que a doutrina e a palavra de Deus não sejam difamadas ou blasfemadas.

As comunidades tendem a se conformar com o “normal” da vida do momento. Ser diferentes significa perseguição, difamação, incompreensão.

Para sermos aceitos e respeitados somente nos resta uma alternativa: não ser alternativa. Ser iguais aos outros. Mulheres e escravos têm que se submeter para que a comunidade não seja mal vista ou até perseguida.

O “Senhor” não é mais central. Ocupa um lugar secundário nas cartas a Timóteo e sequer é nomeado na carta a Tito. Novos senhores vão ocupar este lugar como seus representantes: autoridades civis e religiosas, patrões e maridos!

As comunidades de João, em seu evangelho, em polêmica séria com este modelo de Eclésia, voltarão a falar da centralidade do Senhor; falarão de serviço e de lava-pés e não de poder e governo; falarão do pastor que precede e dá a vida e não de quem governa e manda e, sobretudo, falarão de mulheres.

Sete vezes uma mulher será colocada na frente da comunidade como exemplo de profecia, de discipulado, de apostolado.

Sua Mãe Maria fará acontecer a “hora” no início e no fim de sua caminhada, nas bodas de Caná e aos pés da cruz. A Samaritana profetiza e a anuncia o messias por primeira. A adúltera nos ensinará que a casa de Deus é para os pecadores e não para os justos. Marta – e não Pedro – proclamará a fé no Cristo, Filho do Deus vivo. Maria de Betânia sairá com sua cabeça ungida Madalena receberá a missão de anunciar o centro da fé evangélica: “*O Deus de Jesus é o nosso Deus, o Pai de Jesus é o nosso Pai*”.

Para nós e nossas comunidades, continua o desafio de vencer as pedras que sufocam mulheres e escravos, crianças e pobres, até que sejam de novo protagonistas, nas relações, nas casas, nas Eclésias, como convém no Senhor.

Ana Maria e Sandro Gallazzi

Cx. p. 12

68906-970 Macapá (AP)

sandroga@zaz.com.br